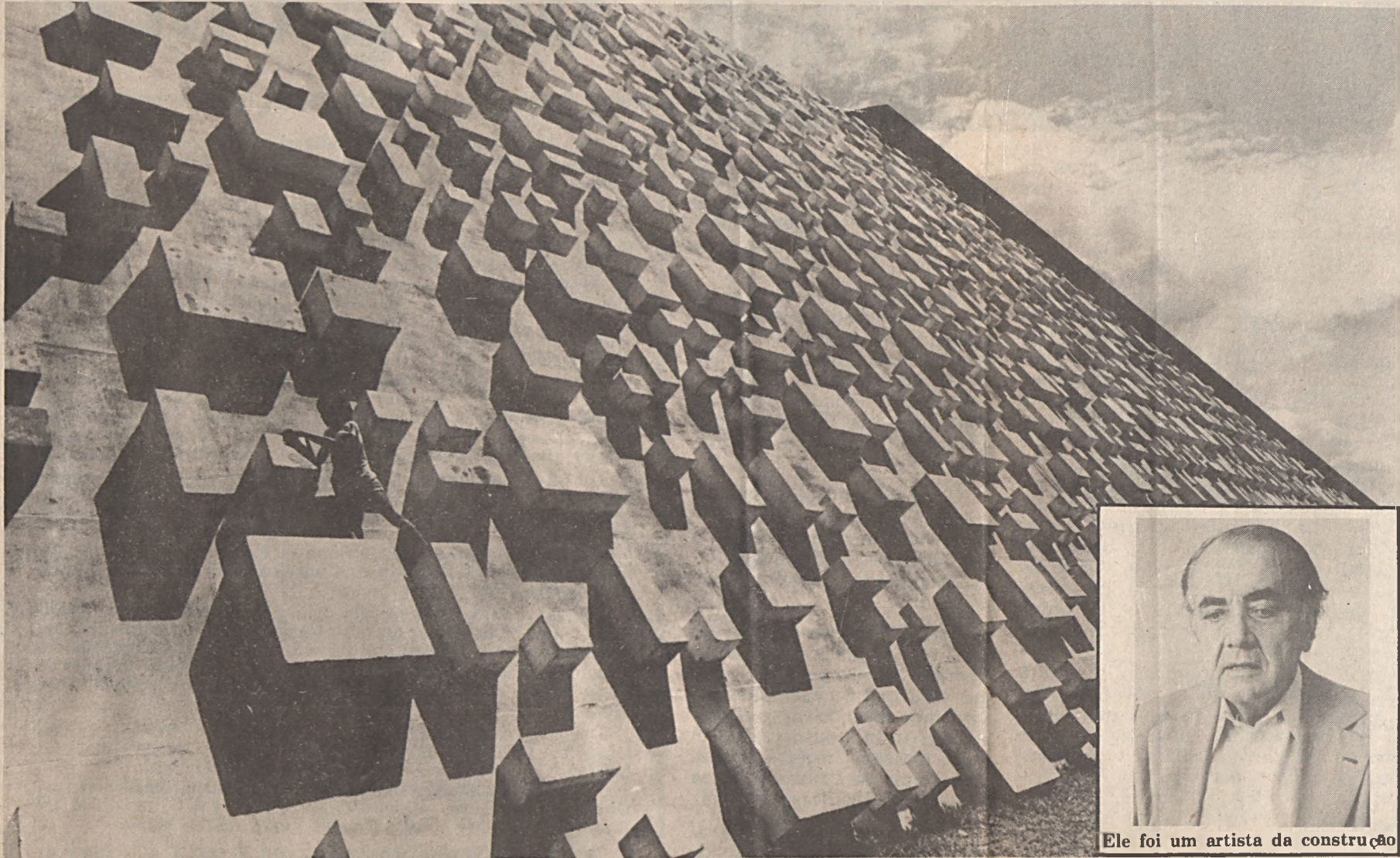


Brasília: a cidade-arte

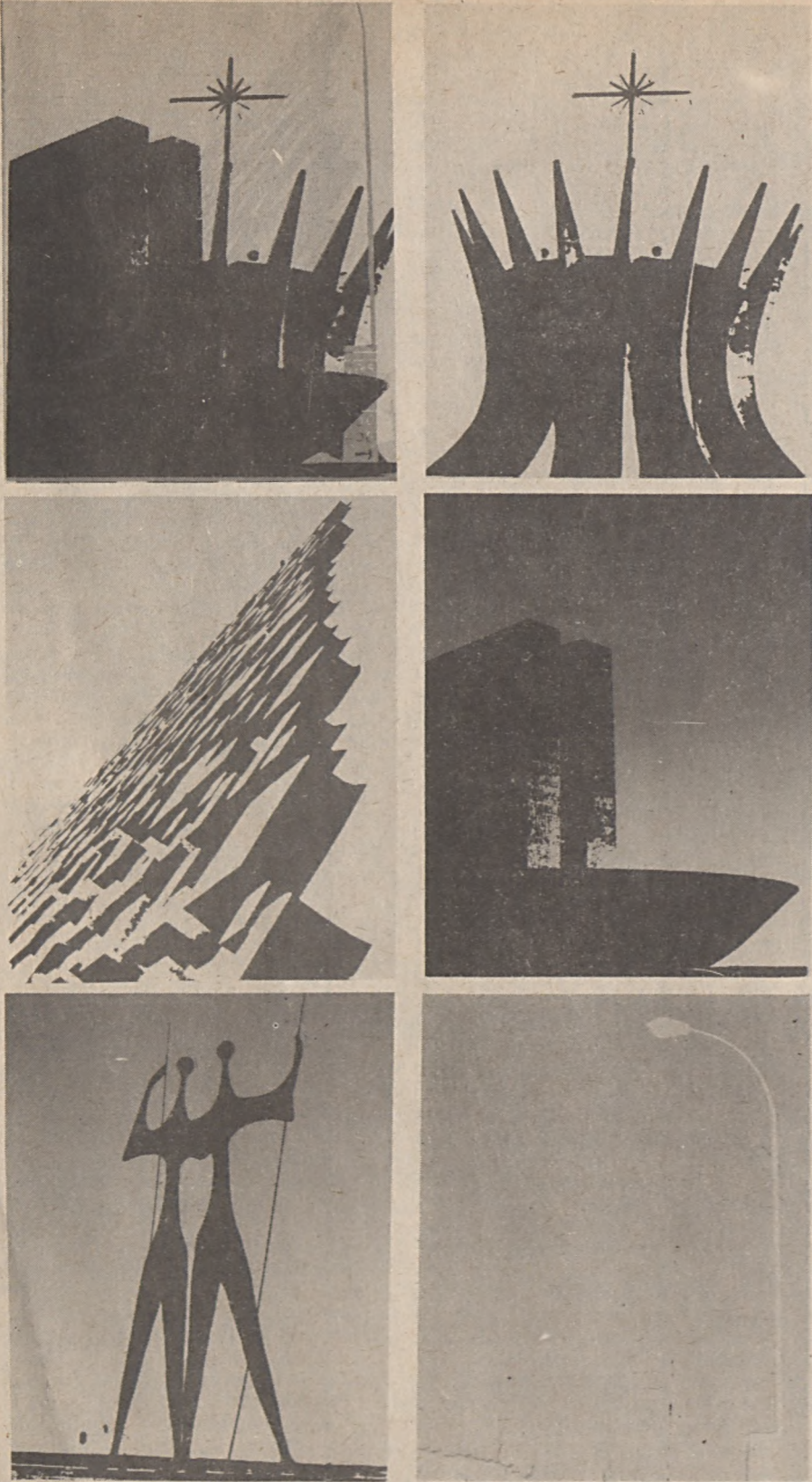
Luiz Artur Toribio Reporter Especial

Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro do governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do País
(trecho do relatório Plano Piloto, de Lúcio Costa)



Das obras de Aloysius Bulcão que interferem na arquitetura de Brasília, a fachada do Teatro Nacional é a mais famosa. Elas são, porém, inúmeras

Aonde está o Museu de Artes da Capital Federal?



Passados 23 anos da fundação, a cidade revela seus próprios artistas vindo do Sul, do Norte ou aqui mesmo nascidos. Brasília é diferente das demais cidades brasileiras e sua interpretação artística não poderia fugir a esta realidade. Antônio, da Chaplin Poster, é um desses exemplos no campo das artes plásticas. Eximio no trato com a serigrafia — existem outros como Paulinho Andrade e Wagner Hermuch — ele colocou no mercado seus cartões-postais coloridos, que tão bem exploram (e mostram) o vazio do céu, o destaque para o traço arquitetônico, o mistério que existe entre o concreto e o azul. Aqui vai nossa homenagem a Antônio, um artista filho de Brasília.

Quem passa pela Esplanada dos Ministérios pode notar (ou não) que ali existem dois grandes vazios (mesmo) entre a Estação Rodoviária e os prédios dos ministérios. Esses terrenos vazios (baldios?) não foram deixados vazios propositalmente e nem tampouco para servir de estacionamento de centenas de ônibus que, diariamente, levam e trazem funcionários públicos.

Pelos planos originais da cidade, entre o Posto do Touring e a Catedral deveria existir uma monumental Biblioteca. Do outro lado, entre o Teatro Nacional e o prédio do Ministério de Minas e Energia estaria situado o Museu de Arte de Brasília.

O projeto do museu foi idealizado em 1958 pelo arquiteto Otávio Sérgio de Moraes e o autor do programa é Flávio de Aquino. Adia daqui, adia dali e esta obra nunca começou a ser executada e hoje a Esplanada dos Ministérios padece de uma deformação do plano original. É uma Esplanada sem museu. Bem, para que todo esse papo não fique parecendo mais uma cascata em defesa “das artes nacionais”, fomos buscar na revista Módulo (bendita revista) de dezembro de 1960, nº 21, o trecho principal do projeto original deste museu, sua concepção, segundo seus autores:

O PROJETO

“O Museu de Arte de Brasília,

Maria Duarte, a que mantém a chama acesa

“A vida cultural de uma cidade é chama, é fogo. Não adianta a gente passar o tempo todo reclamando que o fogo é fraco, não esquentar ninguém. O negócio é ir botando lenha, nem que seja aos pouquinhos. Assim, um dia, a gente vai olhar e vai ver que aquele fogo pegou, sem que a gente ao menos se desse conta...” (Wagner Hermuch)

Esta é a apresentação do livro “A Educação pela Arte — o Caso Brasília”, que a professora Maria de Souza Duarte editou pela *Thesaurus* no início deste ano. Nada mais justo do que as palavras deste iluminado artista plástico.

Maria Duarte é realmente uma das chamadas vivas desta cidade e seu livro um verdadeiro fogaréu que vem clarear todo um passado cultural que é intrínseco a Brasília. O trabalho de Maria Duarte é um dos mais importantes (em termos de fôlego) dentro do movimento “memorialista” que hoje é uma realidade dentro desta cidade. Primeiro, porque é um livro de equipe e desta equipe participaram “cabeças” que pensam realmente alguns anos luz à frente. Depois, porque o livro se baseou em depoimentos fundamentais prestados ao longo de um ano por 114 pessoas ligadas à vida artística e cultural de Brasília, quer no passado, quer no presente.

Dividido em seis partes, tem na parte “três” — O projeto Brasília — a chave do tesouro. A partir deste capítulo, onde são apresentados com detalhes as propostas iniciais da cidade para as áreas de educação e cultura (Educação elementar, Fundação Cultural, Universidade de Brasília e primeiros acontecimentos culturais) o leitor poderá compreender muito bem porque tudo isso foi abordado a partir de 1964.

Como o livro fala por si só e entre os muitos depoimentos há um que permite

além de sua função cultural específica, deve ser um aprazível local de lazer para a população. Não pensamos fazê-lo um “museu dinâmico”, com salas de conferências e cursos, mas proporcionar ao público um espetáculo artístico por meio de obras selecionadas e cuidadosamente valorizadas pela arquitetura e por uma decoração apropriada.

“Antes de ser um museu para eruditos (atenção CM) deve ser um museu para o homem comum. Acharmos que um museu de moldes tradicionais não perde seu interesse, desde que se procure convertê-lo num local de calma e serena contemplação da obra de arte.

“Sua situação no plano da cidade deve ser tal que lhe permita funcionar dentro de um todo, de um conjunto de atrativos diversos que normalmente se completam, aumento, assim, do número de frequentadores. Por exemplo, num parque de fácil acesso onde outras manifestações sociais e o desejo da vida ao ar livre convidem ao passeio, ao descanso e à visita.

O Museu de Arte de Brasília seria um dos locais de descanso e visita deste parque”.

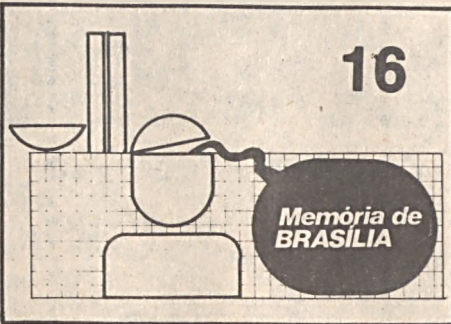
Ainda segundo o projeto original, “a construção deve ser simples, acolhedora, sem falsa monumentalidade ou demasiada severidade”. Por que não fizeram?

entender qual a proposta inicial da Fundação Cultural do DF.

“A Fundação Cultural, criada em 17 de junho de 1960, integrava, juntamente com a FEDF (Fundação Educacional), a estrutura da Secretaria de Educação e Cultura. Ferreira Gullar, primeiro diretor da Fundação Cultural, a projetou como um núcleo de irradiação e estímulo à cultura local (o grifo é nosso), que imaginou essencialmente e candanga, produto de transplantação de brasileiros de todas as regiões, principalmente nordestinos, para o Planalto Central, atuando como co-autores da cidade.

“O projeto cultural para a cidade deveria considerar uma realidade específica: Brasília era a junção do mais antigo — a cultura trazida pela mão-de-obra operária — com o mais novo Brasil — o urbanismo de Lúcio Costa e a arquitetura de Niemeyer. Por isso, a FC deveria promover em Brasília o que havia de mais moderno e atual nos diferentes campos da cultura: no teatro, na música, na literatura, nas artes plásticas.

“A essas atividades deveria ser acrescentada a ação de estimular atividades locais de arte popular. Para tanto, foram previstas iniciativas como a criação de ateliês onde o candango pudesse realizar o trabalho de artesano, de arte popular, que ele trazia naturalmente, como tradição, como acúmulo cultural; o estímulo a vertentes de cultura popular diversificadas, como a apresentação de Escolas de Samba, de Teatro de Mamulengos, etc.; a criação de um Museu de Arte Popular que, ao mesmo tempo, constituísse local para a venda de artesanato, o que possibilitaria a criação de mercado para artistas populares — e seria uma forma de estimular e manter viva a produção cultural de todo o Brasil (*Jornal de Brasília*, 20/21.04.80).



“Nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse”, escreveu Lúcio Costa no primeiro ponto do manifesto “Plano Piloto”, documento básico que orientou a construção de Brasília.

Junto com os operários, aqui chegaram os artistas. Aliás, toda concepção da cidade é artística. Aqui, pensavam os responsáveis pela construção, será uma espécie de liquidificador cultural, onde as diversas manifestações populares de tantos e diferentes “Brasis” se misturarão e formarão um caldo novo na cultura brasileira.

Dito isto, Brasília começou a ser construída no peito, na raça, com arte. A recente história do Brasil tratou de desviar a cidade de seus rumos culturais e originais. Mas ela está aí, pulsando, relembrando o passado para guiar-se no presente e planejar o futuro (mesmo com crise). Brasília é uma chama que não se apaga.

Athos Bulcão: o artista

“O artista que é bom tem que inventar em um curto espaço de tempo”.

Esta era, segundo o artista plástico Athos Bulcão, que veio para Brasília em 1958 na equipe de Oscar Niemeyer, para dar toques plásticos e artísticos nos prédios da nova capital, a filosofia de trabalho na época da construção. “O projeto de relevo do Teatro Nacional eu fiz em menos de dez dias”, diz ele forçando a memória para se relembrar de episódios da época:

“O que me lembro é muito nebuloso. O principal é que os prazos para elaboração e execução dos projetos eram curtíssimos. O que valia era trabalho, trabalho, trabalho e mais trabalho”.

Bulcão veio para Brasília contratado pela Novacap em 1957. Já havia trabalho em outras empreitadas com o arquiteto Oscar Niemeyer, antigo e dileto amigo de quem fala sempre com carinho. Em 1943, projetaram trabalhos juntos para o Teatro Municipal de Belo Horizonte, que não foi erguido. Em 1955, porém, se uniram novamente para o projeto do hospital da lagoa, no Rio de Janeiro hoje uma realidade. Niemeyer sempre teve (e tem) muito confiança nas parcerias com Athos Bulcão.

Essa confiança e apreço está materializada na apresentação que Niemeyer fez do livro Athos Bulcão: integração arquitetural, editado em Genebra, Suíça, em 1973, com lay-out de Jaen Pepit. “Sua preocupação permanente é a integração arquitetural, tarefa que realiza há muitos anos com idealismo e sensibilidade. São essas cerâmicas esplêndidas que vocês vão encontrar neste livro, em cores e estilo diferentes, integradas nos espaços e no espírito da arquitetura, ou nas grandes superfícies em relevo que tanto atraem e revelam, como a fachada do Teatro de Brasília, seu excepcional talento. (Oscar Niemeyer)”.

Athos Bulcão fala muito do “entusiasmo” que existia no período de construção. E se lembra das especulações que ele e outros amigos faziam com relação ao salário que iam pedir para trabalhar na projeção da nova

capital:

“Eu resolvi cobrar um salário mensal de oitenta mil contos de réis. Fizemos, então, uma reunião com Israel Pinheiro, que na minha opinião foi o verdadeiro maestro executor, homem de decisão, deste período. Pedi os 80 mil. Ele riu muito se divertiu a valer. Me deu um salário de 16 mil contos de réis e ainda disse: “Artista não precisa de muito dinheiro” e ficou por isso mesmo. No final do mês ainda me sobravam 2 mil réis.

Athos Bulcão jamais se desligou de Niemeyer, embora tenha optado por ficar morando em Brasília. O acompanhou em projetos recentes, na Argélia e em Milão:

“Foi Niemeyer, juntamente com o arquiteto Marcelo Roberto, os primeiros a incorporarem definitivamente a presença de obras de arte na arquitetura”.

Muitos outros artistas vieram trabalhar na construção de Brasília. Athos lembra alguns nomes importantes como Felix Barre-nechea, a professora de canto Otília (que descobriu a voz de Ney Matogrosso), Neuza França (mãe de Denise Bandeira), Nilse Obino e outros. Fala com carinho e entusiasmo do período de estruturação da UnB e recomenda: “Você não pode deixar de ouvir o Pompeu de Souza”.

Relembra as contribuições que foram dadas por Di Cavalcanti e Cheschiatti, autor dos profetas da Catedral e outros movimentos e afirma que “a coleção de gravuras do Senado Federal é o que existe de melhor entre os melhores”. “É impressionante aquela coleção”.

Conversar com ele é ter uma aula de arte e história. Na conversa que tivemos, fiquei sabendo, por exemplo, que até hoje se faz uma injustiça histórica aos freis Capuchinhos da Igrejainha da 307 Sul, pois pesa sobre eles a acusação de ter apagado as pinturas originais de Volpi. A história é outra. Os desenhos de Volpi foram pintados por ordem e responsabilidade da Novacap e do próprio Oscar Niemeyer. E mais: teve a concordância do próprio Volpi.

Bem, mais aí é outra história que contaremos depois.

O trabalho mais flagrante de Athos Bulcão em Brasília é, sem dúvida, o revestimento externo das fachadas do Teatro Nacional. Mas suas mãos, suas idéias, sua arte estão em quase tudo em Brasília. Vejamos somente alguns exemplos:

- 1) Igreja Nossa Senhora de Fátima — os azulejos do revestimento externo, porta em madeira pintada, vidros de cor (retirada na instalação dos murais de Volpi) e a porta em madeira que foi reformada por ocasião do tombamento.
- 2) Palácio da Alvorada — Hall: parede em latão dourado com diagramação da frase do presidente Juscelino Kubitschek; Capela candelabros em ferro e latão, porta em alumínio pintado e vidros de cor, pintura em “branco sobre branco” no teto.
- 3) Palácio do Planalto — jardins internos do 4º andar (retirados para reforma), e jardins de cima.
- 4) Congresso Nacional — “Hall” do público: painel em mármore branco e granito negro; azulejos dos jardins internos.
- 5) Câmara dos Deputados — muro escultórico em madeira pintada (verde escuro), divisória em madeira pintada (azul).
- 6) Senado Federal — salão nobre (divisória em relevo de madeira pintada), Anexo B - auditório Petrólio Portela; “Hall” relevo em madeira pintada; e auditório, relevo em madeira pintada sobre lambris.
- 7) Palácio do Itamaraty — Terreo: piso em granito cinza e relevo em mármore branco; subsolo: programação cromática do auditório. Primeiro pavimento: piso em mármore branco e treliça em madeira e ferro esmaltado. Prédio administrativo: programação cromática de 4 pavimentos (corredores) e restaurante dos funcionários do 6º pavimento (azulejos).
- 8) Catedral de Brasília — Nave: 10 quadros representando a Vida da Virgem Maria e paramentos e objetos litúrgicos em prata (não formalizados) e o Batistério.
- 9) SMU - Ministério do Exército — Bloco principal: azulejos do terraço e relevo em concreto pintado no auditório. Subsolo: teto do auditório em madeira de função acústica e relevo em alvenaria pintada.
- 10) Memorial JK — “Hall”: baixo relevo em mármore branco (projeto mal-executado) e sala do túmulo em baixo relevo em mármore branco e granito negro.